# "CAMINHOS DE OSÓRIO" – TOURS PELA CIDADE: UMA PROPOSTA DE TURISMO HISTÓRICO E CULTURAL NA CIDADE DE OSÓRIO/RS

Ana Lúcia Olegário Saraiva

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

## RESUMO

O presente trabalho refere-se ao projeto denominado "Caminhos de Osório – *tours* pela cidade", em processo de implementação no *Campus* Osório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, cujo objetivo é valorizar e resgatar a história, as manifestações culturais e os atrativos naturais da cidade de Osório, por meio de caminhadas orientadas pelos acadêmicos do Curso Técnico de Guia de Turismo, da instituição mencionada. Para tanto, foram realizadas entrevistas, utilizando-se da História Oral, na tentativa de recolher informações sobre a história e a memória da cidade. Como resultados obtiveram-se uma série de roteiros que abarcam importantes pontos turísticos históricos de Osório.

**PALAVRAS–CHAVE:** turismo cultural, sustentabilidade cultural, turismo histórico

## RESUMEM

El presente trabajo se refiere a un proyecto denominado "Caminos de Osório – tours por la ciudad", en implementación en el Campus Osório del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Rio Grande do Sul, cuyo objetivo es valorar y rescatar la historia, las manifestaciones culturales y los atractivos naturales de la ciudad de Osorio, por medio de recogidos a pié orientados por los académicos del Curso Técnico de Guía de Turismo, de la institución mencionada. Para que eso sea posible, fueron realizadas entrevistas, utilizándose en recurso de la Historia Oral, con el intento de lograr informaciones sobre la historia y la memoria de la ciudad. Como resultados, se obtuvieron varios itinerarios que abarcan importantes puntos turísticos históricos de Osorio.

**PALABRAS LLAVES:** turismo cultural, sustentabilidad cultural, turismo histórico

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se ao projeto denominado “Caminhos de Osório – *tours* pela cidade”, em processo de implementação no *Campus* Osório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. O referido projeto tem como objetivo valorizar e resgatar a história, as manifestações culturais e os atrativos naturais da cidade de Osório, por meio de caminhadas orientadas pelos acadêmicos do Curso Técnico de Guia de Turismo, da instituição mencionada.

Para a realização deste projeto buscou-se realizar um resgate da história e da memória da cidade de Osório, por meio de entrevistas realizadas com historiadores locais e com cidadãos antigos. Logo, foi necessário definir referenciais teórico-metodológicos, notadamente relacionados à memória e à História Oral.

Primeiramente, o projeto “Caminhos de Osório – *tours* pela cidade” será apresentado, delineando-se a sua estrutura e objetivos. Em seguida, serão apresentados os referenciais sobre memória que embasam a presente pesquisa e, por fim, os referenciais relacionados à História Oral.

## UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO PROJETO “CAMINHOS DE OSÓRIO” – *TOURS* PELA CIDADE

Como mencionado acima, o projeto “Caminhos de Osório” tem como objetivo valorizar e resgatar a história, a cultura e os atrativos naturais da cidade de Osório, no Rio Grande do Sul. Pretende-se realizar esses objetivos por meio de caminhadas orientadas pelos acadêmicos do Curso Técnico de Guia de Turismo, do IFRS - *Campus* Osório, supervisionados pelos docentes do referido curso. Essas caminhadas serão realizadas na sede do município e oferecidas aos turistas e à comunidade osoriense, possibilitando a apropriação e a interação com o patrimônio histórico, artístico e natural local.

A programação permite aos participantes conhecerem de perto locais e atrativos da cidade, promovendo o reconhecimento turístico de Osório, através da visitação interna e externa de prédios, monumentos e áreas verdes consideradas patrimônio cultural e ambiental da cidade.

Além disso, os acadêmicos do Curso Técnico de Guia de Turismo têm a oportunidade de realizarem atividades práticas, o que torna a sua formação mais completa.

Para o embasamento dos roteiros foi realizada uma pesquisa histórica para resgate da memória local, subsidiando os orientadores na prestação das informações dos atrativos histórico-culturais. Para tanto, utiliza-se o método da História Oral, embasado nos referenciais teóricos da memória.

Os objetivos do projeto ultrapassam as questões acadêmicas, tendo como foco beneficiar além dos alunos, a comunidade local a qual a instituição está inserida, como descrito a seguir.

O desenvolvimento do projeto para os acadêmicos do Curso Técnico de Guia de Turismo – Regional/RS e Excursão Nacional/América do Sul, visa possibilitar a realização de atividades práticas de guiamento, inerente à formação do perfil profissional do curso; incentivar a pesquisa sobre os atrativos culturais e naturais do município de Osório; desenvolver habilidades de comunicação necessárias à prática profissional do Guia de Turismo e realizar um resgate sobre a história local, promovendo a valorização do Patrimônio de Osório.

Pensando na comunidade e turistas, os benefícios vão do incremento à prática do turismo no município de Osório, consolidando um produto turístico, ao resgate da história, da cultura e da paisagem, apropriando-se da memória local, além de ofertar à sociedade a possibilidade de conhecer a própria cidade, sem ônus.

Finalmente para o IFRS - *Campus* Osório, os benefícios abrangem vários aspectos, desde possibilitar de integrar a comunidade acadêmica com o mercado de trabalho; de contribuir para a municipalidade, frente aos projetos de resgate histórico e identidade local; de realizar um compromisso social com o meio em que esta instituição se encontra inserida, ou seja, com a comunidade do seu entorno; por fim, de incentivar às práticas pedagógicas dos docentes e discentes do Curso Técnico de Guia de Turismo e de divulgar o Curso Técnico de Guia de Turismo.

Para a realização deste projeto, foi realizado um resgate da memória e da história da cidade de Osório. Foram entrevistados historiadores locais e cidadãos mais antigos para realizar, por meio da História Oral, uma percepção histórica da memória local. A pesquisa foi realizada de agosto a dezembro de 2010.

No entanto, para que esse resgate seja possível, fez-se necessário traçar referenciais teórico-metodológicos que sustentem a pesquisa. Tais referenciais, fundamentais para o embasamento do projeto, serão abordados a seguir.

## A MEMÓRIA COMO RESGATE CULTURAL: REFERENCIAIS TEÓRICOS

De acordo com Chauí (2000), os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois, quando o artista ou o historiador registra em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais. Os historiadores antigos colocavam suas obras sob a proteção das Musas, escreviam para que não fossem perdidos os feitos memoráveis dos humanos e para que servissem de exemplo às gerações futuras. Dizia Cícero: "A História é mestra da vida".

Para Damasceno, memória é a capacidade de registrar e evocar informações. A memória não é uma faculdade mental atômica, indivisível, mas um processo que envolve diversos aspectos ou componentes, daí suas diferentes classificações. É assim que temos, quanto à modalidade da informação, as memórias visual, auditiva e tátil e quanto às fases do processamento das informações, temos as memórias a curto prazo (registro) e a longo prazo (consolidação das informações). A memória classifica-se também quanto ao nível de complexidade das informações. Existe a memória para estímulos simples, elementares (por exemplo, a dor da picada de um inseto na ponta do dedo) e para informações complexas (por exemplo, um texto narrativo), onde *temos* uma série de elementos inter-relacionados de forma coerente (memória lógica).

Considerando Bergson (1987), em realidade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Sem dúvida, em todo instante nos segue inteiramente: o que desde a nossa primeira infância sentimos, pensamos, está aí, inclinado sobre o presente e com ele vai se reunir pressionando contra a porta da consciência, que

queria deixá-lo fora.Para Bergson (1987) a memória está localizada no inconsciente. Não pensamos mais do que com uma pequena parte do nosso passado, entretanto, é com o nosso passado inteiro, que desejamos, que queremos e atuamos. Nosso passado se manifesta, portanto, integralmente em nós pelo seu impulso, e em forma de tendência ainda que só uma pequena parte se converta em representação. A recordação de uma sensação é algo capaz de sugerir esta sensação, de fazê-la renascer, tênue a princípio, mais forte depois, paulatinamente a medida que a atenção se fixa mais sobre ela.

Ainda de acordo com o autor, em linhas gerais, o passado não volta a consciência mais que na medida em que pode ajudar a compreender o presente e a prever o futuro: é um esclarecedor da ação. Em determinados sonhos e em certos estados de sonambulismo, as recordações que se acreditavam abolidas reaparecem com uma exatidão surpreendente, revivemos em todos os seus detalhes cenas de infância completamente esquecidas, falamos idiomas que nem sequer recordamos haver aprendido.

A posição introspectiva de Bergson (1987) em face do seu tema, leva-o a começar a indagação pela auto-análise voltada para a experiência da percepção: - O que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado? Percebo, em todos os casos, que cada imagem formada e mim está mediada pela imagem, sempre presente, do meu corpo.

Bergson *apud* Bosi (1987) observa, também, que esse presente contínuo se manifesta, na maioria das vezes, por movimentos que definem ações e reações do corpo sobre o seu ambiente. Está estabelecido, desse modo, o nexo entre imagem *do corpo e ação*. Nem sempre, contudo, as sensações levadas ao cérebro são restituídas por este aos nervos e aos músculos que afetam os movimentos do corpo, as suas ações.

Vejamos como surge no texto de Bergson a primeira alusão ao fenômeno da lembrança (souvenir): o discurso do pensador está-se interrogando sobre a passagem de percepção das coisas para o nível e consciência: “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”. “Lembrar-se”, em francês “souvenir” significaria um movimento de “vir” “de baixo”: sous-venir, vir à tona o que estava submerso.

Bergson *apud* Bosi (1987) fala, que como última afirmação, começa-se atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo "atual" das representações. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. A memória seria o lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas.

Na tábua de valores de Bergson, a memória pura, aquela que opera no sonho e na poesia, está situada no reino privilegiado do espírito livre, ao passo que a memória transformada em hábito, assim como a percepção "pura", só voltava para a ação iminente, funcionavam como limites redutores da vida psicológica.

Barros (1989) menciona a obra Les cadres de la mémoire (Halbwachs, 1976) e os trabalhos reunidos postumamente em La mémoire collective (Halbwachs, 1968), que trazem o tema da memória para a discussão sociológica da relação entre o indivíduo e a sociedade. Na primeira obra Halbwachs inicia a polêmica com Bergson. Partindo de uma *reflexão durkheimiana,* destaca a participação determinante do grupo social na reconstrução das lembranças. Halbwachs defende o caráter eminentemente social da memória confrontando-a com o sonho e a afasia, onde a presença da sociedade está retraída e alterada, e remete o ato da memória ao plano, também social, da linguagem.

O tempo, para Halbwachs, depende do lugar que o indivíduo ocupa temporal e espacialmente, sendo a divisão temporal e espacial efetuada pelos indivíduos em sociedade. Ao situar-se no limite entre uma reflexão sociológica e uma visão psicológica, Halbwachs, embora reconheça o indivíduo como unidade sociologicamente importante, o faz de forma inconstante e mesmo dúbia. Assim, sua perspectiva durkheimiana de predominância do social sobre o individual é atenuada. A dubiedade em face de uma independência da memória individual surge em outro momento da sua obra, quando faz uma crítica a Bergson. Enquanto para este o passado inteiro está no nosso inconsciente, para Halbwachs as indicações necessárias para reconstruir partes do passado encontram-se todas na sociedade.

Para Halbwachs *apud* Bosi (1987) o caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideais de hoje, as experiências do

passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, excluiu a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

De acordo com Izquierdo (2002), memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. Podemos afirmar que somos aquilo que recordamos, literalmente. Não podemos fazer aquilo que não sabemos como fazer, nem comunicar nada que desconheçamos, isto é, nada que não esteja na nossa memória. Para este autor, a memória está localizada no cérebro. O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro; isto é, nos dizem quem poderemos ser. Eu sou quem sou, cada um é o que é, porque todos lembramo-nos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém. As nossas memórias fazem com que cada ser humano ou animal seja um ser único, um indivíduo. A identidade dos povos, dos países e das civilizações provém de suas memórias comuns, cujo conjunto denomina-se História.

## O RESGATE HISTÓRICO-CULTURAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL

O estudo da oralidade veio sendo ensaiado a partir da antropologia, no âmbito da pesquisa dos processos de transmissão das tradições orais, principalmente aquelas pertencentes a sociedades rurais, onde os modos de transmissão e conhecimento ainda transitam, de maneira relevante, pelos caminhos da oralidade.

A tradição oral foi um objeto de conhecimento constitutivo do *corpus* teórico da antropologia e também um meio de aproximação e interpretação das culturas abordadas. Mas, a questão da oralidade ultrapassou o campo específico da antropologia, e agora é objeto de estudo de outras disciplinas, como é o caso, atualmente, da corrente historiográfica denominada "história oral" (FERREIRA, AMADO, 1996).

Para Ferreira e Amado (1996), a história interessou-se pela "oralidade" na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas. A história oral é mais do que uma decisão técnica ou de procedimentos; que não é a depuração técnica da entrevista gravada; nem pretende exclusivamente formar arquivos orais; tampouco é apenas um roteiro para o processo detalhado e preciso de transcrição da oralidade; nem abandona a análise à iniciativa dos historiadores do futuro, é antes um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. A história oral compartilha com o método histórico tradicional as diversas fases e etapas do exame histórico, e poderia distinguir-se como um processo destinado à constituição de novas fontes. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos "outros". A história oral já não tem que lutar constantemente para reivindicar um espaço no âmbito das ciências sociais, pois sua proposta metodológica adquiriu validade e competência, entretanto, o que ela pretende atualmente é mostrar sua potência, sua riqueza, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados.

Não faz muitos anos, o "relato" oral, denominado agora "história oral", fez seu reaparecimento entre as técnicas de coleta de material empregadas pelos cientistas sociais com tanto sucesso que, por muitos deles, foi encarado como a técnica por excelência, e até mesmo a única válida para se contrapor às quantitativas. Enquanto estas últimas – reduzindo a realidade social à aridez dos números – pareciam amputa-la de seus significados, a primeira encerrava a vivacidade dos sons, a opulência dos detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato

social. O grande desenvolvimento das técnicas estatísticas, em fins dos anos 40, relegou para a penumbra os relatos orais e histórias de vida, que pareciam demasiadamente ligadas às influências da psique individual. Pouco a pouco percebeu-se, no entanto, que valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos, já que as definições das finalidades da pesquisa e a formulação das perguntas estavam profundamente ligadas à maneira de pensar e de sentir do pesquisador, o qual transpunha assim para os dados, de maneira perigosa porque invisível, sua própria percepção e seus preconceitos. O desenvolvimento tecnológico, colocado à disposição do cientista social novos meios de captar o real, como o gravador, reavivou novamente o relato oral (SIMSON, 1988, p. 14-15).

De acordo com Simson (1988), através dos séculos, o relato oral constituíra sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) se baseara na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos. O relato oral está, pois, na base de obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal.

A forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais, nas ciências sociais, é a entrevista; considerada muitas vezes como sua técnica por excelência, tem sido, ao contrário, encarada como desvirtuadora dos relatos. Nunca chegou, porém, a ser totalmente posta de lado, o que demonstra a sua importância. A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador; o tema ou o acontecimento sobre que versa foi escolhido por este último por convir ao seu trabalho. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante para discorrer sobre o tema. A entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre num colóquio entre pesquisador e narrador (SIMSON, 1988, p. 19-20)

Para Thomson, nos últimos anos, os historiadores orais têm relutado em aceitar o testemunho oral como pura e autêntica “voz do passado”, preferindo

explorar os processos de afloramento de lembranças e “recompor” as reminiscências por eles registradas. Na década de 70, a revitalização da história oral na Inglaterra e na Austrália foi profundamente influenciada pelas críticas de historiadores tradicionais que trabalham com documentos textuais. O principal argumento usado por esses críticos era que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador como do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado. Incitados por esse desdém, os autores dos primeiros manuais sobre história oral desenvolveram um critério para avaliar a confiabilidade da memória oral (embora sagazmente lembrando aos tradicionalistas que os documentos textuais não eram menos seletivos e tendenciosos). Com base na Psicologia Social e na Antropologia, mostraram como determinar as tendências e fantasias da memória, a importância da retrospecção e a influência do entrevistador no processo de afloramento de lembranças. Baseados na Sociologia, adotaram métodos de amostragem representativa e, como base em documentos textuais, criaram regras para a verificação de confiabilidade e da coerência intrínseca de suas fontes. O novo critério forneceu indicações claras e úteis sobre como interpretar as reminiscências e como combina-las com outras fontes históricas para descobrir o passado.

Nos últimos anos, historiadores orais de vários países vêm desenvolvendo métodos de entrevista e abordagens analíticas que envolvem uma compreensão mais ampla das reminiscências e da identidade, e que sugerem novas e interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias, em benefício da pesquisa histórica e sociológica. Está se procurando explorar a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva, entre memória e identidade e entre entrevistador e entrevistado (THOMSON,1995, p.54).

Segundo Amado, parece necessário, antes de tudo distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o

substrato da memória: esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência. Outra característica da memória, que a aproxima muito da história, é a sua capacidade de associar vivência individuais e grupais com vivências não experimentadas diretamente pelos indivíduos ou grupos: são as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias.

Inerente às entrevistas, existe, entretanto, uma dimensão simbólica, que os historiadores têm a obrigação de conhecer e estudar, pois faz parte da história. Mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes como práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças: permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm. Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias de concreto, do “real”, em que supostamente, residiria sua “verdadeira natureza”, que caberia aos historiadores “resgatar” para a posteridade (AMADO, 1995, p. 135).

## RESULTADOS

Através da realização do resgate da história e da memória da cidade de Osório, através das entrevistas realizadas com historiadores locais e com cidadãos antigos, foram estruturados quatro roteiros turísticos, que têm como público-alvo os turistas, estudantes e comunidade em geral do município de Osório, que desejam conhecer a história local, através de caminhadas orientadas, organizadas em quatro roteiros, a serem executados na sede do município de Osório, a saber:

✓ Centro histórico: o roteiro tem como objetivo apresentar a origem da cidade e suas principais representações arquitetônicas centrais. O ponto de encontro é o Largo dos Estudantes. Visitação a Biblioteca Pública Municipal Fernandes Bastos, e ao Arquivo Histórico "Antônio Stenzel Filho" e Museu Antropológico. A caminhada segue pelas ruas centrais, resgatando através da oralidade o Clube Comercial e Teatro, 1876. Há visitação a Casa do Império, Catedral e Praça da Matriz. A origem da cidade é apresentada neste momento, com a indicação de pontos nesta região que representam (ou representaram) importância social e econômica local, como os cinemas. A caminhada segue até a Praça das Carretas, dirigindo-se para o Casarão, Casa dos Fammer e Escola General Osório.

✓ Navegação Lacustre: o roteiro tem como objetivo apresentar a história da navegação lacustre Osório-Torres, com visitas in loco aos locais da história. O ponto de encontro é o Largo dos Estudantes. São indicados a Biblioteca Pública Municipal Fernandes Bastos, Arquivo Histórico "Antônio Stenzel Filho", Museu Antropológico, Catedral, Praça da Matriz. O antigo Hotel Amaral e a Rodoviária Antiga também são indicados. A caminhada segue até a Beira da Lagoa do Marcelino, o Sobrado e o Pavilhão da Escola Prudente de Moraes. A Igreja do Porto e Clube União são apresentados e finalizando o Museu da Via Férrea, com visitação.

✓ Poderes, Cultura e Escola Rural: o roteiro tem como objetivo apresentar os poderes legislativo, executivo e judiciário, e a Escola Rural. O ponto de encontro é o Largo dos Estudantes. São indicados a Biblioteca Pública Municipal Fernandes Bastos, Arquivo Histórico "Antônio Stenzel Filho", Museu Antropológico. É visitado o Espaço Cultural Conceição. Posterior a caminhada segue pela Quadra dos Poderes e segue até a Auto-estrada General Osório, com vista do Morro da Borússia, dirigindo-se a Escola Rural.

✓ Da morte à modernidade: os caminhos das vítimas da gripe espanhola e o desenvolvimento da aviação: o roteiro tem como objetivo apresentar a história da gripe espanhola em Osório e a história da aviação local. O ponto de encontro é o Largo dos Estudantes. Indicação da Biblioteca Pública Municipal Fernandes Bastos, Arquivo Histórico "Antônio Stenzel Filho", Museu Antropológico, Catedral, Praça da Matriz, Praça das Carretas. A caminhada segue até o Passo da Cruz, Muro das Sete

Maravilhas de Osório e visitação ao Aeroclube de Planadores Albatroz e Grêmio Esportivo Sulbrasileiro.

Em caráter piloto, será realizada uma caminhada por mês. Em caso de chuva, o passeio é transferido para o sábado seguinte. O local de saída dos roteiros é o Largo dos Estudantes, situado ao lado da Biblioteca Pública, Rua Marechal Floriano com Rua Major Marques, Centro, Osório. O horário de saída é as nove horas.

Os roteiros terão a duração de aproximadamente duas horas.

A inscrição para participar dos roteiros será realizada por agendamento via mail ou telefone. O inscrito deverá contribuir com um quilo de alimento não perecível, brinquedo ou agasalhos, de acordo com a campanha estabelecida no mês. As doações serão encaminhadas a instituições de caridade e comunidades carentes locais.

Os roteiros serão avaliados de duas formas. Primeiramente pelos acadêmicos do curso técnico de Guia de Turismo, que estarão conduzindo os participantes e executando o roteiro, identificando dificuldades no trajeto, tempo de visitações e de paradas, dentre outras considerações. E pelos participantes através do preenchimento de um instrumento de pesquisa. Neste instrumento também será feito o cadastro do participante para divulgação de atividades do curso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Caminhos de Osório – *tours* pela cidade” irá possibilitar o resgate da história e da memória da cidade de Osório, atingindo não apenas esse objetivo, mas propiciando a valorização do patrimônio cultural local, o qual permaneceu, por muito tempo, esquecido.

Para que seja possível valorizar o patrimônio local, é necessário conhecê-lo previamente. O resgate da memória, através de entrevistas realizadas com historiadores locais e com cidadãos mais antigos, mostra-se uma forma profícua de aprofundamento do conhecimento da história local. Porém, deve-se ter em conta o embasamento teórico acima mencionado, pois a memória possui certos meandros e as recordações devem ser percebidas como fonte de pesquisa, ou seja, objetos de

análise, como previsto na metodologia da História Oral. Logo, deve-se lançar um olhar criterioso sobre esses relatos.

Destaque para a importância do projeto como instrumento de desenvolvimento turístico local, tratando o resgate da memória e da história oral como elementos fundamentais do turismo cultural, visto que o município não dispunha de roteiros executados neste formato.

O projeto propõe que os roteiros dos "Caminhos de Osório" – tours pela cidade, ultrapasse a fronteira da academia e se consolide como um produto turístico do município de Osório, de forma perene.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História. São Paulo, 14: 125-136, 1995.

BARROS, Miriam Lins de**. Memória e Família**. Estudos Históricos. N.3, 1989.

BERGSON, Henri**. Memória y vida**. Textos escogidos por Gilles Deleuze. Madrid: Alianza Editorial, 1987:47-84.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: T.A Queiroz Editor, 1987: 5-15.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

DAMASCENO, Benito. **A neuropsicologia da memória.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org) As Faces da Memória. Campinas:Coleção Seminários, n.2.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Entre a saudade da Terra e a América: memória cultural**, **trajetórias de vida e a (re) construção de identidade feminina na intersecção de culturas.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). As Faces da memória. Campinas: Coleção Seminários, n.º 2.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs), **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990:25-52.

HUYSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Edit., 2000: 67-88.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996.
PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho, alguma reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História, São Paulo, 15, 1995.

RICOEUR, Paul. **La lectura del tempo pasado: memoria y olvido**. Madrid: Arrecife Producciones, 1999: 31-70.

SIMSON, Olga Von (org.) Relatos Orais: do “indizível” ao “divizível”. In> Experimentos com História de vida. In: **EXPERIMENTOS COM HISTÓRIA DE VIDA**. São Paulo, Vértice, 1988.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Projeto História. São Paulo, 15, 1995.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. RJ: Zahar, 1994.

VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (org.). **Mediação Cultura e Política**. RJ, Aeroplano, 2001.